

PENSATA – LIVRES REFLEXÕES

## A PANDEMIA COMO EXPERIÊNCIA EDUCATIVA DE RENOVAÇÃO: tempestade ou bomba?

Isabel PAROLIN<sup>1</sup>

Perplexidade!

Uma espécie de bomba invisível ou de um vendaval, que ainda não tinha sido sentido na pele, surgiu em nossas vidas, entre os dias 16 e 20 de março de 2020.

Correria, coração acelerado, ansiedade, vozes perdidas, mentes desfocadas, medo, notícias assustadoras, gestos dessíncronos.

Famílias pensam: como parar? O que comprar? O que tenho de fazer? O que me faltará? Como será? O que é isso? E o meu trabalho? A escola não abrirá? Como assim? Como vou viver a minha vida sem a escola? Onde deixarei as crianças?

Agir, agir, agir, comprar, fazer, imaginar, combinar o que não se podia combinar, pois estávamos no escuro do impensável.

Desorganização.

Cada um, em suas casas, tentava entender o que estava acontecendo. Noticiários assustadores, mensagens de *Whatsapp*, *lives* ensinando como agir, proteger-se e, em meio a esse turbilhão emocional, tentávamos organizar as nossas casas, já que o nosso íntimo estava totalmente desorganizado.

Ansiedade e medo, insegurança e sentimento de ameaça convivem com a esperança e a fé. Será um pesadelo?

Num tempo, que não foi o da maioria das pessoas, algumas escolas começaram a se movimentar.

Foi dada a largada!

---

<sup>1</sup> Pedagoga, psicodramatista, psicopedagoga. Mestre em Psicologia da Educação pela PUC-SP. Atua em clínica e como consultora institucional na área da aprendizagem. Professora em cursos de pós-graduação na área de aprendizagem e em temas correlatos. Pesquisadora do grupo GAE-PUCPR. E-mail: [isabelchparolin@gmail.com](mailto:isabelchparolin@gmail.com).

Nasce essa urgência a partir da ação do outro: a escola corre risco? Sim? Não? O que fazer? O que fizeram? Fizemos ...

Urgência!

Como marinheiros, que se lançam ao mar, por estarem sem condições de permanecer no porto, os professores começaram a mandar notícias aos alunos, para dar sinal de que a escola estava viva!

A invisibilidade da situação provocou uma urgência de, simplesmente, fazer, fazer, fazer.

Professores, com suas internet caseiras, em plataformas que não dominavam, em seus quartos ou cozinhas, emocionalmente abalados, tentavam continuar uma rotina escolar impossível de ser mantida, ainda mais com seus filhos no colo, seus almoços por fazer e suas casas para limpar.

As famílias, sem as mínimas condições de tocarem o dia a dia, combinando seus trabalhos profissionais, também ameaçados, com os cuidados com as crianças, receberam a escola em casa, que passou a dar ritmo na vida doméstica.

Exclusão extrema!

Inúmeros alunos sem escola, sem professor, sem aula, sem rede de apoio, sem internet, sem equipamento, sem atendimento, sem cuidados, sem governo, sem lugar e sem pertença...

Estresse!

Vidas ameaçadas pelo vírus, pela falta de recursos materiais e emocionais, para corresponder ao que a escola lhes pedia. Vidas ameaçadas por rotinas desconexas, estressoras, atípicas.

Vidas que se tornam estranhas a si mesmas.

Com os corações acelerados, pela dúvida que o desconhecido provoca, coordenadores coordenam o que é ingovernável e diretores dirigem à frente, “vamos adiante”, numa navegação às cegas!

As crianças, em meio a tudo isso, aguardam a aula chegar, a família ajudá-los a entender esse novo universo dos alunos em quadradinhos ou diante de telas, que outrora significavam entretenimento, mas que, agora, causam estranhamento e dependência.

Enfim, as vozes humanas!

A medida que a escuta se faz, as vozes são identificadas, o entendimento começa a florescer, mesmo em meio à tempestade ou aos destroços, surge um “novo normal”, como uma brisa alentadora.

Essas vozes falam de suas perdas, de seus sofrimentos, da solidão, do medo, da insegurança, do desconhecimento. Da sensação de um barco à deriva e da necessidade de darmos as mãos.

Entendimento.

Esses sentimentos repercutem nos corações de cada um, de muitos, mas não de todos. Começamos a entender que as vidas valem e valem muito! Que o momento nos pede calma, para pensarmos, ajustarmos as bússolas e o compasso dos nossos batimentos cardíacos.

E, hoje, mesmo sem termos, ainda, o porto seguro a nos aguardar, navegamos ao sabor das vozes dos barcos próximos, que nos contam conquistas, experiências, aprendizados, necessidades, dúvidas, incertezas.

Essa escuta nos acalma, clareia o nosso olhar e nos ajuda na escolha dos novos rumos.

Escolhemos dizer NÃO ao novo normal! Pois tanto as vozes quanto o nosso coração nos asseguram ser anormal toda essa situação.

A sapiência dos velhos marinheiros ou dos desativadores de bombas convida-nos à cautela, como nos propõe Paulinho da Viola: *“Faça como o velho marinheiro, que durante o nevoeiro, toca o barco devagar.”* Pois sabemos que não devemos colocar o urgente na frente do importante, pois corremos o risco de nos perder, daquilo que mais queremos encontrar.

Escuta amorosa.

Diretores de escolas, coordenadores, pedagogos, professores, além de ouvir as vozes que lhes chegam, precisam se ouvir e serem amorosamente ouvidos. Nesse fluxo, fortificam-se para acolher e formular as perguntas que o grupo precisará responder. Portanto, é fundamental que ouçamos as suas vozes, para que na vivência da escuta, da solidariedade, da partilha, da cooperação, possamos inventar, juntos, um futuro para a escola.

Que futuro é esse?

O de uma escola que não pode esquecer a intensa experiência humana, vivida por

todos. Não pode perder a perspectiva do valor do acolhimento, em gestos de afeto, criando espaços para encontros – rodas de conversas – entre alunos, professores, familiares, gestores, colaboradores da escola, para que partilhem o que viveram, o que sentiram, o que aprenderam, o que sonharam, o que ganharam e o que perderam, ao longo da pandemia. Para matar as saudades das pessoas, dos rituais da escola: recreios, apresentações, torneios, etc e partilhar a alegria do reencontro.

O de uma escola que descobriu que o conteúdo pode ser entregue em plataformas, em documentos ou em vídeos, mas o olhar de quem ensina e de quem aprende precisa ser trocado, no fluxo da presença, no intencional movimento de quem estende o gesto que encoraja, que organiza, que cuida e trabalha nos detalhes.

O de uma escola que receberá alunos que viveram um isolamento físico e afetivo, ou não puderam acessar as pessoas da escola e nem as aulas. Alunos que viveram a solidão e ficaram em compasso de espera.

O de uma escola que aprendeu que o seu maior tesouro são as pessoas que a compõem. Uma escola que aprendeu o valor da conversa, do olho no olho, da presença na mediação com o conhecimento. Essa aprendizagem se deu, ao se constatar o limite que os quadradinhos das plataformas dão, ao não evidenciarem a grandeza do ser humano.

O de uma escola que, com as famílias, descobriu que seus profissionais são intelectuais, indispensáveis à dinâmica do ensinar e aprender.

Essas constatações dão sentido ao espaço objetivo e subjetivo da escola e devem estar na bússola dos diretores, coordenadores e pedagogos, quando forem ajustar a rota, que os levará ao almejado porto de chegada.

A escola precisa honrar o que já se aprendeu, nesse momento histórico, que nos trouxe, abruptamente, o futuro à nossa frente: A escola é espaço de relação, de conversas, de trocas, de partilhas, para a construção do conhecimento. A informação pode ser tratada remotamente, mas é no grupo, com os professores e com as pessoas da escola, que a compreensão se faz.

Direção, coordenação e pedagogos são os aportes indispensáveis, para que os professores possam ser os profissionais, que se apresentam ao mundo para provocar aprendizagens, desenvolvimento e sabedoria.

A sabedoria necessária para que todos possam se fazer navegadores mais

conscientes de si, dos outros e do cosmos.

E, por fim, que as próximas bombas ou vendavais, que a vida, porventura, nos oferte, possam ser enfrentados como oportunidades, com menos desgaste, mais sabedoria e com energia para esperar!